

Alberto Nepomuceno (1864–1920)

Numa concha

Texto: Olavo Bilac

Editoração: Thiago Rocha

Instituição: Centro Cultural São Paulo

voz, piano
(*voice, piano*)

4 p.



MUSICA BRASILIS

Numa concha

Poesia de
Olavo Bilac

Alberto Nepomuceno

Con moto

Canto

Pu - des - se eu ser a con - cha na - ca - ra - da, Que en -

Piano

5

tre os co - raes e as al - gas, a in - fi - ni - ta Man - são do o - ce - a - no ha -

9

bi - ta, E dor - me re - cli - na - da No fô - fo lei - to das a -

13

rei - as de ou - ro! Fôs - se eu a con - cha e, ó pe - ro - la ma -

p

17

ri - nha, Tu fôs - ses o meu u - ni - co the - sou - ro, Mi - nha, só - men - te

cresc.

ff col canto

21

mi - nha!

ritard.

dim.

24

Un poco meno mosso

Ah! Com que a - mor, no on - de an - te Re - ga - ço da a - gua trans - pa - ren - te e

p

stringendo

28

cla - ra Com que vo - lú - pia, fi - lha, com que an - cei - o

p

32

a tempo *rall.* **Tempo I** *ritard. poco*

Eu as vál - vas de ná - car a - per - ta - ra, Pa - ra guar - dar - te to - da pal - pi - tan - te No fun - do de meu

p *cresc.* *poco*

36

sei - o.

ff *p*

smorz. e ritard.

40

sff

Numa concha

Pudesse eu ser a concha nacarada,
Que entre os coraes e as algas, a infinita
Mansão do oceano habita,
E dorme reclinada
No fôfo leito das areias de ouro!
Fôsse eu a concha e, ó perola marinha,
Tu fôsses o meu unico thesouro,
Minha, sómente minha!

Ah! Com que amor, no ondeante
Regaço da agua transparente e clara
Com que volúpia, filha, com que anseio
Eu as válvas de nácar apertara,
Para guardar-te toda palpitante
No fundo de meu seio.